

## Homem de Igreja, com alma coimbrã

---

“Agradece à chama a sua luz, mas não te esqueças do pé do candelabro que, constante e paciente, a sustenta nas suas sombras” (Tagore)

Quis começar as minhas breves palavras de homenagem ao D. Eurico Dias Nogueira com este pensamento de Tagore. Nos muitos anos em que tive o prazer de conviver com ele – como sacerdote, Vigário do Clero, Bispo Auxiliar e agora seu sucessor – apercebi-me que o melhor modo de caracterizar a sua vida é reconhecê-la como luz que brilhou nos quatro cantos do mundo. Luz que não poderei, na brevidade das palavras, delinear na sua multifacetada riqueza. Mas, se a luz brilhou nunca poderei esquecer o candelabro numa aldeia, Dornelas do Zêzere, que o viu nascer em 6 de Março de 1923, dum Seminário que o acolheu e numa diocese que o integrou no seu presbitério, em 22 de Dezembro de 1945 e numa cidade que o moldou, Coimbra, antes de frequentar o Curso de Direito na Universidade Gregoriana, em Roma de 1945 a 1948, onde iniciou o serviço sacerdotal em variados lugares e funções, nomeadamente na Escola do Magistério e C.A.D.C., que sempre recordava com emoção e saudade, para, posteriormente, integrar na Academia Universitária na Escola de Direito Civil durante os anos de 1950 a 1956.

O Serviço Episcopal, iniciado com a ordenação na Sé Nova, em 6 de Dezembro de 1964 enviou-o para outras coordenadas geográficas mas sempre com uma marca indelével que me leva a conjugar a luz do seu ministério com a importância única deste candelabro, sintetizando tudo afirmando que **D. Eurico é um homem de Igreja com alma coimbrã.**

O peregrinar deste homem da Igreja não foi fácil nem desprovido de peregrinos. Acontece em Vila Cabral (atual Lichinga), em pleno Niassa, de 6 de Novembro de 1964 a 19 de Fevereiro de 1972. De Moçambique parte para Angola, como Bispo de Sá da Bandeira (Lubango), de 19 de fevereiro de 1972 a 3 de Fevereiro

de 1977, tendo sido, em simultâneo Administrador Apostólico de Pereira Leça (Onjiva) desde a sua criação em 10 de Agosto de 1975 até 27-03-1977. Regressando a Portugal, não deixa de passar por situações críticas, e entra em Braga, como Arcebispo no dia 27 de Novembro de 1977 para resignar em 05 de Junho de 1999, vivendo atualmente no Seminário Conciliar de Braga.

Não é fácil elencar as qualidades que foi manifestando. Seria necessário percorrer os seus escritos e as suas cartas, já publicadas, que merecem ser conhecidas. Dum modo muito espontâneo, talvez superficial mas muito sincero e, muito incompleto pois apenas baseado na memória pessoal, que vai perdendo qualidades, deixo alguns itinerários para possível melhor compreensão duma personalidade rica, intelectual e pastoralmente.

A sua formação universitária em Direito Canónico e Civil proporcionou-lhe os instrumentos necessários a usar em circunstâncias de difícil discernimento. Ter frequentado a Universidade de Coimbra e sendo professor na Escola do Magistério criou ou confirmou uma **capacidade e gosto de dialogar** com todos e a propósito de tudo. Os amigos que o conheceram de perto podem confirmar quanto estas poucas palavras referem.

Esta capacidade intelectual permitiu-lhe desempenhar tarefas em locais e momentos complexos, conturbados e duros de encarar. Nunca se pode esquecer o dever do pastor estar juntos das ovelhas e os enigmas duma guerra colonial que muitos consideravam importante mas sem resultados de bem-estar para as populações. **Estar do lado dos mais simples**, na verdade e na caridade, trouxe alguns dissabores e foi pretexto para correspondência variada onde a coragem se sobrepunha ao medo ou conformismo.

Talvez seja elucidativo aplicar aqui o que o Papa Francisco aponta como programa pastoral do bispo e, particularmente, como modo de o realizar. Desculpem a citação, pois já pode ser conhecida mas é sempre explicativa e, simultaneamente, confirmação de muitos gestos e atitudes: “às vezes pôr-se-á à frente para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo, outras manter-se-á simplesmente no meio de todos com a sua proximidade simples e misericordiosa e, para ajudar aqueles que se atrasam e sobretudo porque o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas” (E.G. 31). **Pôr-se à frente** para indicar e sustentar a esperança, **estar**

**no meio** com proximidade simples e misericordiosa e **ficar atrás** para apoiar os mais frágeis. É trilogia justificadora de muitos gestos.

Este saber posicionar-se na sociedade e na Igreja manifesta-se, dum modo inequivocamente claro, numa **acutilância crítica** que o distinguiu em intervenções variadíssimas. Desde Moçambique até Braga a sua voz era ousada e atenta. Nem todos concordavam mas muitíssimos reconheciam a pertinência. Talvez tenhamos necessidade e dever de regressar a esta intervenção, nunca como mera denúncia mas como exigência de verdade que deve desmascarar muitas posições de políticos e não só, estando atentos ao que acontece dum modo claro e, muitas vezes, camuflado. Nem sempre a verdade da Igreja é respeitada e se não somos pelo antagonismo deveremos ousar afirma a nossa identidade com a coragem de quem é capaz de aceitar as críticas. Resignar-se perante tudo, coexistindo passivamente ou assistindo a desrespeito por direitos essenciais, pode ser uma exigência dos tempos pós-modernos.

A denúncia nunca era **oposição condenatória**. Na verdade, um pormenor característico do ministério do D. Eurico era a atenção ao **ecumenismo e ao diálogo inter-religioso**. São reconhecidos o seu relacionamento fraterno com outras confissões cristãs, particularmente em Angola e a sua capacidade de diálogo com os muçulmanos, líderes e povo, nas regiões do Niassa. Este reconhecer que a “Igreja Católica não rejeita absolutamente nada daquilo que há de verdadeiro e santo nas outras religiões considerando com sincero respeito esses modos de agir e de viver, esses preceitos e doutrinas que, embora, em muitos pontos estejam em discordância com aquilo que ela afirma e ensina, muitas vezes refletem um raio daquela verdade que ilumina todos os homens” (Nostra Artate. 2). Num mundo tão avesso aos consensos e à capacidade de interagir, creio ser um testemunho a acolher, sempre no âmbito eclesial, mas, com muita atualidade, no mundo político.

Com o Papa Francisco queremos viver “a doce e reconfortante alegria de evangelizar”. Ele pretende que, na Igreja, aconteça uma autêntica transformação Missionária que define como uma “ Igreja em saída”. Foi essa a vida de D. Eurico.

Quis ainda sublinhar o amor – talvez o apego – do D. Eurico às suas origens. Aquilo que comecei por referir falando do candelabro da luz pois a sua vida mostrou uma alma coimbrã como expressão de amor à terra natal e às particularidades desta cidade Universitária. Se o seu amor a Coimbra, no que ela expressa, é grande, o amor à

igreja católica, Universal, sobrepôs-se; foi muito maior. Não deve ter sido fácil, entre outras coisas, partir para o desconhecido, tendo uma certeza que poderia o perturbar – como talvez tenha acontecido – como era a realidade duma guerra colonial.

O Evangelho foi maior. Daí que terminaria com palavras do Papa Francisco. “Evangelizadores com espírito – **é o caso presente** (comentário meu) – quer dizer evangelizadores que se **abrem sem medo** à ação do Espírito Santo. No Pentecostes, o espírito faz os Apóstolos saírem de si mesmos e transforma-os em anunciadores das maravilhas de Deus, que cada um começa a entender na própria língua. Além disso, o Espírito Santo **infunde a força** para anunciar a novidade do Evangelho **com ousadia, em voz alta e em todo o tempo e lugar, mesmo em contracorrente**. Invoquemo-lo hoje, bem apoiados na oração, sem a qual toda a ação corre o risco de ficar vã e o anúncio, no fim de contas, carece de alma. Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa-Nova não só com palavras, mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus” (E.G. 259).

Será que esta sessão poderá deixar este apelo – para quem o quiser acolher – de ser anunciadores da Boa Nova através duma presença de Deus, nas pessoas, neste mundo universitário tornando o C.A.D.C nova escola de leigos para uma presença da Igreja nos mais variados âmbitos da vida portuguesa?

Coimbra, C.A.D.C. – 21-02-2014

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*